

MILAN KUNDERA

A IGNORÂNCIA

Tradução

Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca



Copyright © 2000 by Milan Kundera

Todos os direitos reservados. Todas as adaptações da obra para cinema, teatro, televisão e rádio são estritamente proibidas.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

L'ignorance

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Carlos Alberto Inada

Revisão

Mariana Cruz

Larissa Lino Barbosa

Atualização ortográfica

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kundera, Milan

A ignorância / Milan Kundera ; tradução Teresa Bulhões
Carvalho da Fonseca — 1ª ed. — São Paulo : Companhia de
Bolso, 2015.

Título original: L'ignorance

ISBN 978-85-359-2527-2

1. Romance tcheco I. Título.

14-12181

CDD-891.863

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura tcheca 891.863

2015

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1

“O que é que você ainda está fazendo aqui!” Sua voz não era maldosa, mas também não era gentil; Sylvie estava irritada.

“E onde deveria estar?”, perguntou Irena.

“Na sua casa!”

Claro, não queria expulsá-la da França, nem fazer com que pensasse que era uma estrangeira indesejável: “Você sabe o que estou querendo dizer!”.

“Sim, sei, mas você se esquece de que é aqui que tenho meu trabalho? Meu apartamento? Meus filhos?”

“Escute, conheço Gustaf. Ele cuidará de tudo para que você possa voltar para sua terra. Quanto a suas filhas, não me venha com brincadeiras! Elas já têm a vida delas! Meu Deus, Irena, o que está acontecendo no seu país é tão fascinante! Numa situação dessas as coisas sempre se arranjam.”

“Mas, Sylvie! Não são só os aspectos práticos, o trabalho, o apartamento. Eu vivo aqui há vinte anos. Minha vida é aqui!”

“Houve uma revolução na sua terra!” Disse isso num tom que não admitia contestação. Depois ficou calada. Com esse silêncio, queria dizer a Irena que, quando grandes coisas acontecem, não se deve desertar.

“Mas, se eu voltar para meu país, não nos veremos mais”, disse Irena, para desconcertar a amiga.

Essa demagogia sentimental surtiu efeito. A voz de Sylvie

tornou-se calorosa: “Minha querida, irei visitá-la! Está prometido, está prometido!”.

Estavam sentadas frente a frente diante de duas xícaras de café vazias já havia muito tempo. Irena viu lágrimas de emoção nos olhos de Sylvie, que se inclinou até ela, apertando-lhe a mão: “Será seu grande retorno”. E, mais uma vez: “Seu grande retorno”.

Repetidas, essas palavras adquiriram tal força que, em seu íntimo, Irena as viu escritas em maiúsculas: Grande Retorno. Ela não protestou mais: foi invadida por imagens que emergiram de repente, de velhas leituras, de filmes, de sua própria memória e talvez até daquela de seus ancestrais: o filho perdido que reencontra a velha mãe; o homem que volta para sua amada, da qual outrora fora afastado pelo destino feroz; a casa natal que cada um traz dentro de si; o caminho redescoberto onde ficaram gravados os passos perdidos da infância; Ulisses que revê sua ilha depois de anos de peregrinação; o retorno, o retorno, a grande mágica do retorno.

2

Em grego, retorno se diz *nóstos*. *Álgos* significa sofrimento. A nostalgia é, portanto, o sofrimento causado pelo desejo irrealizado de retornar. Para essa noção fundamental, a maioria dos europeus pode utilizar uma palavra de origem grega (*nostalgie, nostalgia*), e também outras palavras com raízes em sua língua nacional: *añoranza*, dizem os espanhóis; *saudade*, dizem os portugueses. Em cada língua, essas palavras possuem uma conotação semântica diferente. Muitas vezes significam apenas a tristeza provocada pela impossibilidade da volta ao país. Nostalgia do país. Nostalgia da terra natal. Aquilo que em inglês se chama

homesickness. Ou em alemão: *Heimweh*. Em holandês: *heimwee*. Mas essa é uma redução espacial dessa grande noção. Uma das mais antigas línguas europeias, o islandês, distingue bem dois termos: *söknudur*: nostalgia no seu sentido geral; e *heimfra*: nostalgia do país. Os tchecos, além da palavra *nostalgia* de origem grega, têm para a noção seu próprio substantivo, *stesk*, e seu próprio verbo; a frase de amor mais comovente em tcheco: *styska se mi po tobe*: sinto nostalgia de você; não posso suportar a dor da sua ausência. Em espanhol, *añoranza* vem do verbo *añorar* (ter nostalgia), que vem do catalão *enyorar*, derivado, este, da palavra latina *ignorare* (ignorar). À luz dessa etimologia, a nostalgia surge como o sofrimento da ignorância. Você está longe e não sei o que se passa com você. Meu país está longe, eu não sei o que está acontecendo lá. Certas línguas têm algumas dificuldades com a nostalgia: os franceses só podem expressá-la pelo substantivo de origem grega e não possuem um verbo; podem dizer: *je m'ennuie de toi*, mas a palavra *s'ennuyer* é fraca, fria, em todo caso muito leve para um sentimento tão grave. Os alemães utilizam raramente a palavra *nostalgia* na sua forma grega e preferem dizer *Sehnsucht*: desejo daquilo que está ausente. Mas a palavra *Sehnsucht* pode se referir tanto àquilo que foi como àquilo que nunca existiu (uma nova aventura) e não implica necessariamente a ideia de um *nóstos*; para incluir no *Sehnsucht* a obsessão do retorno, seria preciso acrescentar um complemento: *Sehnsucht nach der Vergangenheit, nach der verlorenen Kindheit, nach der ersten Liebe* (desejo do passado, da infância perdida, do primeiro amor).

Foi na aurora da antiga cultura grega que nasceu *A odisseia*, epopeia fundadora da nostalgia. Sublinhemos: Ulisses, o maior aventureiro de todos os tempos, é também o maior nostálgico. Ele foi (sem grande prazer) para a guerra de Troia, onde ficou durante dez anos. Depois se apressou em

voltar para sua Ítaca natal, mas as intrigas dos deuses prolongaram seu périplo primeiro por três anos repletos dos acontecimentos mais fantásticos, depois por mais outros sete anos, que ele passou, refém e amante, na casa da deusa Calipso, que, apaixonada, não o deixava partir de sua ilha.

No quinto canto da *Odisseia*, Ulisses lhe diz: “Sei que, comparada a você, por melhor que ela seja, Penélope não possui majestade nem beleza... E, no entanto, o único desejo que tenho todo dia é voltar para lá, ver minha casa no dia do retorno!”. E Homero continua: “Enquanto Ulisses falava, o sol se pôs; desceu o crepúsculo: sob a abóbada, entrando no fundo da gruta, nos braços um do outro, eles se amaram”.

Nada de comparável à pobre vida de exilada, que tinha sido por muito tempo a vida de Irena. Ulisses viveu na casa de Calipso uma verdadeira *dolce vita*, vida fácil, vida de alegrias. No entanto, entre a *dolce vita* no estrangeiro e o retorno arriscado para casa, ele escolheu o retorno. À exploração apaixonada do desconhecido (a aventura), ele preferiu a apoteose do conhecido (o retorno). Ao infinito (pois a aventura pretende ser infinita), preferiu o finito (pois o retorno é a reconciliação com a finitude da vida).

Sem acordá-lo, os marinheiros da Feácia depuseram Ulisses, envolto em lençóis, na costa de Ítaca, aos pés de uma oliveira e partiram. Foi este o fim da viagem. Ele dormia, exausto. Quando acordou, não sabia onde estava. Depois Atena afastou a névoa de seus olhos e sobreveio a embriaguez, a embriaguez do Grande Retorno; o êxtase do conhecido; a música que fez vibrar o ar entre o céu e a terra: ele viu a enseada que conhecia desde criança, as duas montanhas que a circundavam, e acariciou a velha oliveira para assegurar-se de que ele continuava o mesmo de vinte anos antes.

Em 1950, fazia catorze anos que Arnold Schönberg já

estava nos Estados Unidos, quando um jornalista americano lhe fez algumas perguntas perfidamente ingênuas: é verdade que os artistas que se exilam perdem sua força criadora? Que sua inspiração se resseca quando as raízes de seu país natal deixam de ser alimentadas?

Imagem! Cinco anos depois do holocausto! E um jornalista americano não perdoa a Schönberg sua falta de apego àquele pedaço de terra onde, diante de seus olhos, se dera o início daquele horror dos horrores! Mas não há nada a fazer. Homero glorificou a nostalgia com uma coroa de louros e estabeleceu assim uma hierarquia moral de sentimentos. Penélope ocupa o lugar mais elevado, muito acima de Calipso.

Calipso, ah, Calipso! Penso muito nela. Ela amou Ulisses. Viveram juntos durante sete anos. Não se sabe por quantos anos Ulisses compartilhou o leito de Penélope, mas com certeza não foi por tanto tempo. No entanto, exaltamos a dor de Penélope e desprezamos o choro de Calipso.

3

Como golpes de machado, as grandes datas marcam o século XX europeu com cortes profundos. A Primeira Guerra, de 1914, a Segunda, depois a terceira, a mais longa, chamada Guerra Fria, que terminou em 1989 com o desaparecimento do comunismo. Além dessas grandes datas que concernem a toda a Europa, outras datas de importância secundária determinam os destinos de alguns países: o ano de 1936, da guerra civil espanhola; o ano de 1956, da invasão russa da Hungria; o ano de 1948, quando os iugoslavos se revoltaram contra Stalin, e o ano de 1991, quando todos começaram a se matar entre si. Os escandinavos, os holandeses, os ingleses gozam do privilégio de não terem conhe-

cido nenhuma data importante depois de 1945, o que permitiu que vivessem de modo deliciosamente nulo metade de um século.

A história dos tchecos, naquele século, reveste-se de uma extraordinária beleza matemática, devida à tríplice repetição do número vinte. Em 1918, depois de vários séculos, obtiveram seu Estado independente e, em 1938, perderam-no.

Em 1948, importada de Moscou, a revolução comunista inaugurou com o Terror o segundo período de vinte anos, que terminou em 1968, quando os russos, furiosos ao ver a insolente emancipação, invadiram o país com meio milhão de soldados.

O poder da ocupação instalou-se com todo o seu peso no outono de 1969 e partiu, sem que ninguém esperasse, no outono de 1989, de modo doce, cortês, como fizeram então todos os regimes comunistas da Europa: o terceiro período de vinte anos.

Só no século xx é que as datas históricas apossaram-se com tamanha voracidade da vida de cada um de nós. É impossível compreender a existência de Irena na França sem primeiro analisar as datas. Nos anos 50 e 60, um exilado dos países comunistas não era muito amado; os franceses consideravam então o fascismo como o único mal verdadeiro: Hitler, Mussolini, a Espanha de Franco, as ditaduras da América Latina. Só gradualmente, no fim dos anos 60 e durante os anos 70, decidiram-se a também conceber o comunismo como um mal, apesar de mal de um grau inferior, digamos, o mal número dois. Foi nessa época, em 1969, que Irena e seu marido se exilaram na França. Compreenderam rapidamente que em comparação com o mal número um a catástrofe que recaía sobre seu país era muito pouco sangrenta para impressionar seus novos amigos. Para se explicar, habituaram-se a dizer mais ou menos isto:

“Por mais horrível que seja, uma ditadura fascista desaparecerá com seu ditador, sendo assim as pessoas podem continuar a ter esperança. Ao contrário, o comunismo, apoiado pela imensa civilização russa, para uma Polônia, para uma Hungria (nem falemos da Estônia!), é um túnel que não tem fim. Os ditadores são mortais, a Rússia é eterna. É nessa total ausência de esperança que consiste a desgraça dos países de onde viemos.”

Expressavam assim seu pensamento fielmente, e Irena, para ilustrá-lo, citava uma quadra de Jan Skacel, poeta tcheco da época: ele fala da tristeza que o cerca; essa tristeza, ele queria carregar consigo, levar para longe, erguer uma casa, queria trancar-se nela por trezentos anos e por trezentos anos não abrir a porta, não abrir a porta para ninguém!

Trezentos anos? Skacel escreveu esses versos nos anos 70 e morreu em 1989, em outubro, portanto, um mês antes que os trezentos anos de tristeza que vira diante de si se dissipassem em poucos dias: as pessoas tomaram as ruas de Praga e em suas mãos levantadas pencas de chaves soavam como sinos anunciando a chegada dos novos tempos.

Estaria Skacel enganado ao falar em trezentos anos? É claro que sim. Todas as previsões se enganam, é uma das poucas certezas que foram dadas ao homem. Mas se erram em relação ao futuro, dizem a verdade sobre quem as formula, são a melhor chave para compreender como viveram no seu tempo. Durante o período que chamo os primeiros vinte anos (entre 1918 e 1938), os tchecos pensaram que sua República tinha pela frente o infinito. Enganavam-se mas, porque se enganaram, viveram esses anos numa alegria que fez com que suas artes florescessem como nunca havia acontecido antes.

Depois da invasão russa, não fazendo a menor ideia do fim próximo do comunismo, mais uma vez eles acreditaram que viviam num tempo infinito, e não foi o sofrimento da

vida real mas o vácuo do futuro que sugou suas forças, sufocou sua coragem, e que tornou esse terceiro período de vinte anos tão covarde, tão miserável.

Persuadido de que tinha aberto, com sua estética de doze notas, perspectivas longínquas para a História da música, Arnold Schönberg declarou em 1921 que, graças a ele, a dominação (ele não disse “glória”, disse *Vorherrschaft*, “dominação”) da música alemã (vienense, ele não disse música “austriaca”, disse “alemã”) estaria assegurada nos cem anos seguintes (cito-o exatamente, ele falou em “cem anos”). Quinze anos depois dessa profecia, em 1936, foi banido da Alemanha como judeu (aquela mesma Alemanha a quem ele queria assegurar sua *Vorherrschaft*) e, com ele, toda a música baseada na estética das doze notas (condenada como incompreensível, elitista, cosmopolita e hostil ao espírito alemão).

O prognóstico de Schönberg, por mais que tenha se enganado, é, no entanto, indispensável para qualquer pessoa que queira compreender o sentido de sua obra, que não se considerava destrutiva, hermética, cosmopolita, individualista, difícil, abstrata, mas profundamente enraizada no “solo alemão” (sim, ele falava no “solo alemão”); Schönberg achava que escrevia não apenas um fascinante epílogo da História da grande música europeia (é assim que me sinto inclinado a compreender sua obra), mas o prólogo de um futuro glorioso que se estendia a perder de vista.